

A lição do israelita que se tornou espírita

O Espiritismo em seus momentos iniciais no Brasil contou com espíritos de escol, os quais auxiliaram na implantação do Consolador Prometido, na Terra do Cruzeiro. Porém, além destes, contou também com esforçados trabalhadores, tal qual o espírita retratado nesta coluna, neste mês. Trata-se de Frederico Fígner, um homem de família israelita, cuja personalidade se destacava pela vivacidade e sinceridade da alma. Nasceu em 2 de dezembro de 1866, em Milevsko, na atual República Tcheca. Entretanto, como muitos outros jovens daquela região, deixou a terra natal com apenas 16 anos, rumando para os Estados Unidos em busca de recursos financeiros através dos quais pudesse auxiliar o pai, cujos empreendimentos haviam falido, bem como com o objetivo de acumular um dote que garantisse o futuro de sua irmã caçula. Portanto, teve que trabalhar duro. Atuou como cozinheiro, mascate, guarda-freios, dentre outras variadas funções, que, até então, não lhe permitiram o cumprimento de seus objetivos. Certa feita, porém, teve a oportunidade de ver o eminente físico Thomas Alva Edison apresentar ao mundo o fonógrafo¹. Com suas economias comprou um destes aparelhos e iniciou um longo roteiro de viagens, divulgando a novidade tecnológica e angariando os recursos de que precisava. Em 1892, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde fundou a Casa Edison². Foi reconhecidamente um dos maiores colaboradores do progresso industrial no Brasil, uma vez que também foi responsável pela vulgarização da máquina de escrever em nosso país. Dono de vultosa fortuna, Frederico Fígner casou-se com D. Esther de Freitas Reys, jovem dama da sociedade, com quem teve seis filhos. Embora fosse de origem judaica nunca se dedicou ao estudo de qualquer religião. Apesar disso, tomou conhecimento da Doutrina Espírita através de seu amigo Pedro Sayão, que

freqüentava seu estabelecimento comercial e que costumava palestrar sobre Espiritismo e Cristianismo. Porém tal assunto não lhe despertava qualquer interesse até que, certo dia, ouviu a dolorosa história de um de seus empregados, cuja esposa se achava gravemente enferma e necessitada de delicada intervenção cirúrgica. Apesar de cético, Fígner não teve dúvidas: solicitou a Pedro Sayão que obtivesse uma receita mediúnica para a cura da senhora! Veio a receita e a cura da doente, sem intervenção alguma dos médicos. Após esse ocorrido, outro fato importante marcou sua conversão. Foi

procurado em sua loja por um pai de família, desempregado, em penosa situação econômica. Ouviu o relato de suas aflições, deu-lhe um pouco de dinheiro e disse para que voltasse oito dias mais tarde. Quando o senhor se retirou, Frederico, pela primeira vez, fez uma prece: *“Se é como dizem os cristãos que Tu tens muito poder, ajuda esse pobre pai de família, arranjalhe trabalho e meios de vida”*. Oito dias mais tarde, voltava o homem para informá-lo, contente: *“Já estou trabalhando e brevemente virei restituir seu dinheiro, Sr. Fígner. Fui procurado por uma pessoa que me convidou para um emprego, inteiramente inesperado”*.

Foi o suficiente. Frederico Fígner passou a consagrar parte de sua vida a serviço dos outros. Durante longos anos, levantava-se, diuturnamente às 5 horas da manhã e, antes de ir à loja, ia à Federação Espírita, de onde só saía quando terminava o serviço de tomar ditados de receitas mediúnicas, rotina esta seguida aos finais da tarde, quando após as 4 horas lá voltava para orar e auxiliar os doentes. Estas atividades somente eram quebradas quando passava dias inteiros na Federação Espírita, atendendo os necessitados que lá iam buscar ajuda. Por ocasião da gripe espanhola (1918), zelou por 14 doentes em seu próprio lar, enquanto ele mesmo se encontrava adoentado.

Na Federação Espírita, foi tesoureiro, vice-presidente e membro do conselho fiscal, além de ter sido presidente honorário do Grupo Espírita Bittencourt Sampaio, também no Rio de Janeiro. Como apresentava certos recursos financeiros, promoveu a publicação de muitos livros espíritas, custeando-lhes as edições. Além disso, foi grande divulgador da Doutrina Espírita, escrevendo, inclusive, em periódicos de circulação nacional, como o “Correio da Manhã”,

enaltecendo os esclarecimentos doutrinários. Apesar de seu espírito empreendedor Frederico nunca freqüentou a universidade, no entanto, tinha um vasto cabedal intelectual, cultivado com muito estudo. Unido a este seu patrimônio intelectual estava seu patrimônio moral, que primava, antes de qualquer coisa, pela vontade de modificação íntima. Tal era esta motivação que

permaneceu trabalhando até seus últimos dias na Terra, nos quais já praticamente não mais se dedicava ao comércio, e sim, ao próximo.

Seu desencarne se deu em 1947, aos 81 anos de idade. Após seu retorno à pátria espiritual, escreveu o livro *Voltei* através da psicografia de Chico Xavier, narrando aos que continuavam na carne, as suas experiências, de alguém que havia despertado não somente no plano espiritual, mas também para os valores verdadeiros do espírito. Sob o pseudônimo de *Irmão Jacob* assim faz o alerta veemente, próprio do seu temperamento vivaz: *É para vocês – membros da grande família que tanto desejei servir – que grafei estas páginas, sem a presunção de convencer! Não se acreditem quitados com a Lei, por haverem atendido a pequeninos deveres de solidariedade humana, nem se suponham habilitados ao paraíso, por receberem a manifesta proteção de um amigo espiritual! Ajudem a si mesmos, no desempenho das obrigações evangélicas!*

*Espiritismo não é somente a graça recebida, é também a necessidade de nos espiritualizarmos para as esferas superiores.*³

¹Aparelho que registrava e reproduzia o som

²Estúdio onde foi realizado primeiro registro fonográfico do Brasil

³*Voltei* – Irmão Jacob psic. Francisco C. Xavier

Leia mais em:

Grandes Espíritas do Brasil – Zeus Watuil

Voltei – Irmão Jacob, psic. Francisco C. Xavier.

Deus Conosco – Emmanuel psic. Francisco C. Xavier.